

REPOSITÓRIO DE PRODUÇÕES



TÍTULO

As memórias, todas elas

AGENTE PRODUTOR

Edson Luiz André de Sousa || Maíra Brum Rieck

DESCRIÇÃO DO RECURSO

As memórias, todas elas

Por Maíra Brum Rieck e Edson Luiz André de Sousa - Psicanalistas, coordenadores do Museu das Memórias (In)Possíveis do Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa)

Publicado no Zero Hora, na edição dos dias 15 e 16 de maio de 2021, página 13.

COORDENADORES DE MUSEU VIRTUAL A SER LANÇADO A PARTIR DA CAPITAL GAÚCHA EXPLICAM PROPOSTA DE REUNIR REPRESENTAÇÕES DAQUILO QUE ESTÁ NOS SUBTERRÂNEOS DO TECIDO SOCIAL

"Toma o ventre da terra e planta no pedaço que te cabe esta raiz enxertada de epitáfios" Conceição Lima

As memórias são como raízes que nos fixam aos lugares, nos ajudam a compreender de onde viemos mas também acionam os desejos de mudanças. São tecidos de linguagem que herdamos, palavra a palavra, e nos dão o estofado de que precisamos para adentrar o mundo e construir novos percursos. A memória aciona os faróis da história, abrindo espaço para futuros que não sejam meras repetições do vivido.

O Brasil carece de memoriais que possam acolher, registrar, transmitir as narrativas de todos os que foram esquecidos, violentados, excluídos e cujos traumas ainda como espectros à deriva, buscando um lugar de pouso. Nosso país jamais será um país do futuro, como propôs Stefan Zweig, se não acionar as memórias traumáticas que circulam na corrente sanguínea de nossa história.

Vivemos hoje um cenário de destruição não só pela pandemia, mas por todas as violências que enfrentamos: povos indígenas desalojados, população negra sob ameaça - fruto do racismo estrutural que ainda precisamos enfrentar -, florestas destruídas, militarização da política nacional reavivando o período traumático da ditadura civil-militar e ameaçando tantas conquistas democráticas.

O Museu das Memórias (*In*)Possíveis do Instituto da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa) é um museu virtual que surge no desejo de recolher algumas dessas narrativas traumáticas para que saibamos mais sobre as histórias que nos constituem mas que permanecem subterrâneas. A psicanálise tem o compromisso de estar atenta à escuta do seu tempo. Sabemos que os dilemas de uma época reverberam no sofrimento psíquico que cada sujeito experimenta. A proposta é que o museu cumpra também uma função de intervenção, à medida que o registro dessas narrativas permita que essas vozes sejam reconhecidas e assim ganhem força, legitimidade e, sobretudo, acionem desejos de mudança, que possam tirar tais vidas das sombras em que vivem.

Giorgio Agamben propõe que "contemporâneo é (...) aquele que sabe ver a obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (...) Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade". Mas quem vive nas sombras do nosso tempo? O que têm a dizer? Por que são calados, amordaçados? O que contam os que não contam?

No Museu das Memórias (*In*)Possíveis os contamos um a um, no duplo sentido da expressão. Os contamos em suas singularidades e escutamos o que têm a contar. Moradores de rua, pobres, torturados das ditaduras, sobreviventes de guerras, os ditos loucos, os diferentes, os que não se encaixam, os vencidos. O que eles contam de todos nós? Qual a nossa responsabilidade frente aos que não encontram ouvidos para seus gritos?

Um anel de madeira manufaturado em Auschwitz; um áudio de uma menina de 14 anos com medo de morrer na rua; as fotos excepcionais de Luiz Eduardo Achutti da primeira experiência de reciclagem do país, na Vila Dique, em Porto Alegre; os testemunhos da remoção forçada dos ribeirinhos no Pará devido à

construção da hidrelétrica de Belo Monte; mais de mil sonhos da pandemia no projeto *Inventários dos Sonhos*. Objetos que ultrapassam seu valor de objeto para contar a história da humanidade, objetos que ultrapassam seus donos originais e passam a narrar a história incessante de violação de direitos humanos e que estarão no acervo do museu.

O (*In*)Possível com "N" não é por acaso, já que o termo "impossível" (com M) não diz tudo o que gostaríamos de transmitir. Então inventamos outra palavra, que não existe no dicionário e introduz a ideia moebiana de possível e impossível ao mesmo tempo. Quando substituímos o M pelo N, introduzimos nesse binário possível-impossível o (in) consciente, o (in)dizível. Com isso, tentamos enfatizar não o que está em plena luz do dia do nosso tempo, mas as sombras ao redor.

O Museu das Memórias (*In*) Possíveis estará aberto a todos. É um lugar de acolhimento e resistência. Apostamos que abrir arquivos é processo civilizatório, como lembra Célio Borges. Precisamos de muito passado para construir futuros.

LANÇAMENTO

O Museu das Memórias (*In*)Possíveis será lançado às 10h de sábado, dia 22, em via plataforma Sympla. As inscrições são gratuitas. Saiba mais em appoa.org.br

COORDENADORES
DE MUSEU VIRTUAL A
SER LANÇADO A PARTIR
DA CAPITAL GAÚCHA
EXPLICAM PROPOSTA DE
REUNIR REPRESENTAÇÕES
DAQUILO QUE ESTÁ
NOS SUBTERRÂNEOS
DO TECIDO SOCIAL

MAÍRA BRUM RIECK
EDSON LUIZ ANDRÉ DE SOUZA

Psicanalistas, coordenadores do Museu das
Memórias (In)Possíveis do Instituto da Associação
Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa)

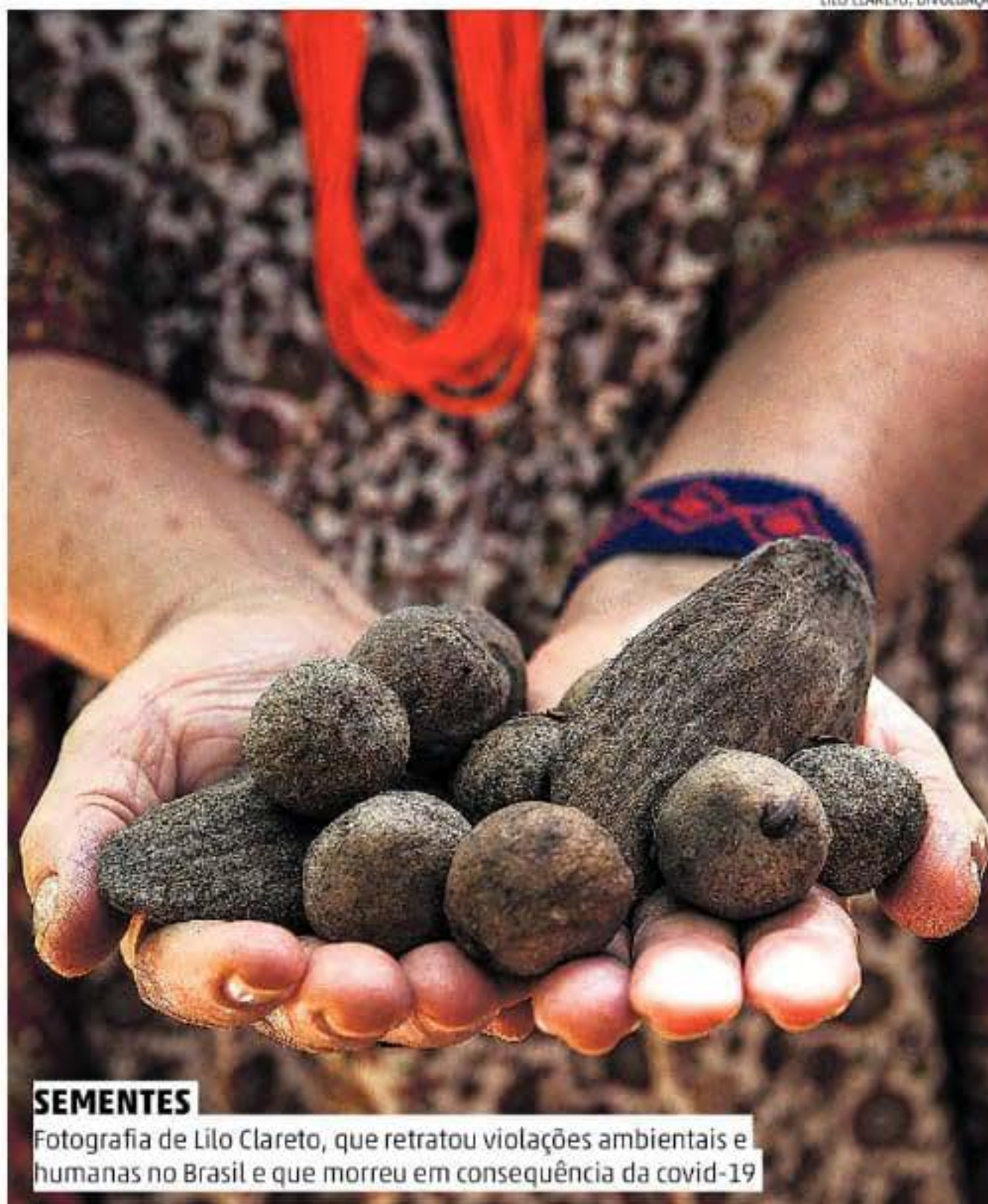
*“Toma o ventre da terra
e planta no pedaço que te cabe
esta raiz enxertada de epitáfios”*
Conceição Lima

As memórias são como
raízes que nos fixam aos
lugares, nos ajudam a
compreender de onde
viemos mas também acionam os
desejos de mudanças. São tecidos de
linguagem que herdamos, palavra
a palavra, e nos dão o estofo de que
precisamos para adentrar o mundo
e construir novos percursos. A
memória aciona os faróis da história,
abrindo espaço para futuros que não
sejam meras repetições do vivido.

O Brasil carece de memoriais
que possam acolher, registrar,
transmitir as narrativas de todos os
que foram esquecidos, violentados,
excluídos e cujos traumas ainda
como espectros à deriva, buscando
um lugar de pouso. Nosso país
jamais será um país do futuro,
como propôs Stefan Zweig, se não
acionar as memórias traumáticas
que circulam na corrente sanguínea
de nossa história. Vivemos hoje
um cenário de destruição não só
pela pandemia, mas por todas as
violências que enfrentamos: povos
indígenas desalojados, população
negra sob ameaça – fruto do racismo
estrutural que ainda precisamos
enfrentar –, florestas destruídas,
militarização da política nacional
reavivando o período traumático da

As memórias, TODAS ELAS

LILLO CLARETO, DIVULGAÇÃO



SEMENTES

Fotografia de Lilo Clareto, que retratou violações ambientais e
humanas no Brasil e que morreu em consequência da covid-19

ditadura civil-militar e ameaçando
tantas conquistas democráticas.

O Museu das Memórias (In)
Possíveis do Instituto da Associação
Psicanalítica de Porto Alegre
(Appoa) é um museu virtual que
surge no desejo de recolher algumas
dessas narrativas traumáticas
para que saibamos mais sobre as
histórias que nos constituem mas
que permanecem subterrâneas. A
psicanálise tem o compromisso de
estar atenta à escuta do seu tempo.
Sabemos que os dilemas de uma
época reverberam no sofrimento
psíquico que cada sujeito
experimenta. A proposta é que o
museu cumpra também uma função
de intervenção, à medida que o

registro dessas narrativas permita
que essas vozes sejam reconhecidas
e assim ganhem força, legitimidade
e, sobretudo, acionem desejos de
mudança, que possam tirar tais
vidas das sombras em que vivem.

Giorgio Agamben propõe que
“contemporâneo é (...) aquele que
sabe ver a obscuridade, que é capaz
de escrever mergulhando a pena nas
trevas do presente. (...) Pode dizer-se
contemporâneo apenas quem não se
deixa cegar pelas luzes do século e
consegue entrever nessas a parte da
sombra, a sua íntima obscuridade”.
Mas quem vive nas sombras do
nosso tempo? O que têm a dizer?
Por que são calados, amordaçados?
O que contam os que não contam?

No Museu das Memórias
(In)Possíveis os contamos
um a um, no duplo sentido da
expressão. Os contamos em suas
singularidades e escutamos o que
têm a contar. Moradores de rua,
pobres, torturados das ditaduras,
sobreviventes de guerras, os ditos
loucos, os diferentes, os que não se
encaixam, os vencidos. O que eles
contam de todos nós? Qual a nossa
responsabilidade frente aos que não
encontram ouvidos para seus gritos?

Um anel de madeira manufaturado
em Auschwitz; um áudio de uma
menina de 14 anos com medo de
morrer na rua; as fotos excepcionais
de Luiz Eduardo Achutti da primeira
experiência de reciclagem do país,
na Vila Dique, em Porto Alegre; os
testemunhos da remoção forçada
dos ribeirinhos no Pará devido à
construção da hidrelétrica de Belo
Monte; mais de mil sonhos da
pandemia no projeto *Inventários dos
Sonhos*. Objetos que ultrapassam
seu valor de objeto para contar a
história da humanidade, objetos que
ultrapassam seus donos originais e
passam a narrar a história incessante
de violação de direitos humanos e
que estarão no acervo do museu.

O (In)Possível com “N” não é por
acaso, já que o termo “impossível”
(com M) não diz tudo o que
gostaríamos de transmitir. Então
inventamos outra palavra, que não
existe no dicionário e introduz a ideia
moebiana de possível e impossível ao
mesmo tempo. Quando substituímos
o M pelo N, introduzimos nesse
binário possível-impossível o (in)
consciente, o (in)dizível. Com isso,
tentamos enfatizar não o que está
em plena luz do dia do nosso tempo,
mas as sombras ao redor.

O Museu das Memórias (In)
Possíveis estará aberto a todos. É um
lugar de acolhimento e resistência.
Apostamos que abrir arquivos é
processo civilizatório, como lembra
Célio Borges. Precisamos de muito
passado para construir futuros.

LANÇAMENTO

O Museu das Memórias (In)Possíveis será
lançado às 10h de sábado, dia 22, em
via plataforma Sympla. As inscrições são
gratuitas. Saiba mais em appoa.org.br.